

## Arqueologia, Educação Patrimonial e História indígena em Pelotas e Região

GABRIEL PEREIRA DE OLIVEIRA; BRUNO SANTOS NOGUEZ<sup>2</sup>; CAROLINE ARAUJO PIRES<sup>3</sup>; CAROLINE BORGES<sup>4</sup>; RAFAEL GUEDES MILHEIRA<sup>5</sup>

*Universidade Federal de Pelotas*<sup>1</sup> – gabrieloliveirapel@gmail.com

*Universidade Federal de Pelotas*<sup>2</sup> – brunosantnoguez@gmail.com

*Universidade Federal de Pelotas*<sup>3</sup> – carolineapires@hotmail.com

*Universidade Federal de Pelotas*<sup>4</sup> – arqueocarol@gmail.com

*Universidade Federal de Pelotas*<sup>5</sup> – milheirarafael@gmail.com

### 1. APRESENTAÇÃO

Em Pelotas, os registros arqueológicos remontam há pelo menos 2500 anos, diferentemente do pensado genericamente, de que a ocupação da área onde se localiza atualmente a cidade, iniciou-se no período colonial. Por conta da invisibilização deste passado indígena de longa duração se faz necessário uma ampla divulgação para a comunidade em geral do conhecimento arqueológico produzido na universidade. Nesse sentido, o projeto de extensão “Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas”, desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPEL), desde 2011, visa promover uma aproximação da comunidade com o patrimônio cultural-histórico indígena de Pelotas. As ações deste projeto ocorrem conjuntamente com instituições públicas e privadas, sensibilizando assim diferentes esferas sociais e culturais. Praticando o preceito segundo HORTA (1999) de que; a educação patrimonial é um instrumento que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, caracterizado por ser um “processo” ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. Na interação com os nossos interlocutores ocorre uma troca de saberes que impulsiona a horizontalidade do conhecimento arqueológico, motivando tanto o público a procurar se aprofundar nos assuntos como os educadores/pesquisadores a fomentarem novas maneiras de melhorar a divulgação científica.

### 2. DESENVOLVIMENTO

De acordo com HORTA (1999) a educação patrimonial deve ser desenvolvida através de quatro eixos: Observação, exploração, registro e apropriação. Neste projeto, seguindo estas etapas, propusemos atividades e oficinas que na primeira etapa, a observação, prioriza os estímulos sensoriais, por meio do uso de banners, expositores, ferramentas audiovisuais e da manipulação dos artefatos pelo toque. Em seguida os sujeitos fazem uso do registro das mais diversas formas, mas principalmente associando o que lhe é familiar às novas informações adquiridas, como se a interação com o conhecimento fomentasse a curiosidade e indagação sobre o tema. Com isso, a exploração do assunto propicia questionamentos acerca do que está sendo discutido na relação entre os extensionistas e o público. Por fim, fazendo uso de esculturas com argila, massinha de modelar, pinturas, fotografias, desenhos e jogos, as pessoas apropriam-se das noções há pouco explanadas.

### 3. RESULTADOS

Como resultados temos as ações educativas realizadas em parceria com o IFSUL-Canoas (Instituto Federal Sul-Rio-grandense), Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) e em diferentes espaços pela cidade de Pelotas como escolas, o próprio espaço laboratorial do LEPAARQ , o Museu Carlos Ritter e o Mercado Público, pudemos atingir em média 1500 pessoas, em 3 eventos, sendo a maioria do público crianças da rede pública de ensino fundamental.

Algumas ações do projeto merecem destaque e serão comentadas a seguir:

- Como parte da programação da Semana dos Povos indígenas 2016, ocorrido em Canoas-RS, os extensionistas do projeto realizaram uma palestra como tema “A arqueologia no Sul da Lagoa dos Patos” para um público diversificado, inclusive contou com a presença de lideranças indígenas, além disso houve a exposição de materiais arqueológicos da região de Pelotas que podiam ser manipulados pelas pessoas, o que rendeu duas experiências enriquecedoras: A primeira foi com um líder Pataxó que ao se deparar com o cachimbo guarani de 800 anos A.P (antes do presente) se admirou com a similaridade do cachimbo elaborado pelo seu sogro guarani, evidenciando assim uma possível continuidade material; A segunda com uma portadora de deficiência visual que ao tocar os artefatos soube descrevê-los com maestria fazendo notar assim a importância do manuseio da cultura material.
- Entre os dias 7 a 18 de agosto de 2017, no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, ocorreu a exposição “Patrimônio e Meio Ambiente: Conhecendo a natureza a partir da Arqueologia e Educação”, neste evento destinados a escolas de Pelotas e região, o projeto abarcou um grande número de estudantes do ensino fundamental, totalizando mais de 1300 alunos. Nesta exposição foram realizadas palestras, visita guiada e a interação do público com os artefatos arqueológicos, envolvendo não apenas os extensionistas como também voluntários. Com essas ações foi possível perceber o interesse das crianças acerca do que é a arqueologia e repensar seu passado.

### 4. AVALIAÇÃO

A arqueologia antes mesmo de centrar a sua produção de conhecimento apenas dentro da universidade, pode fazer uso do seu viés informativo e, também político, para refletir e fazer refletir sobre as histórias ainda não contadas sobre o passado. Bezerra (2013) evidencia a forma particular com que as comunidades podem lidar com os bens materiais, e como essas relações que as comunidades têm com essas coisas implicam a necessidade de se pensar sobre a lógica de construção de outras epistemes. Desse modo, podendo vir a romper com as noções de preservação e educação patrimonial apenas por fazê-lo, sem haver necessariamente um fluxo que possibilite uma rede contínua de novos significados e usos que as pessoas podem fazer destas histórias. Essa arqueologia em conjunto com as comunidades busca o gerenciamento plural dos seus bens culturais, dando lugar às mais diversas vozes na interpretação dessas coisas e buscando promover os diferentes entendimentos que essas pessoas possuem sobre seu passado. É nesse sentido que, Silva (2015) propõe que para uma arqueologia simétrica, a pesquisa comunitária precisa também promover a interação social entre pesquisadores e a comunidade, buscando recursos para beneficiar as comunidades locais e com isso, permitindo o acesso fácil à informação e aos vestígios arqueológicos encontrados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Márcia. Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado: Reflexões a Partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, (7): 107-122, 2013.
- FERREIRA, L.M. 2009. Arqueología Comunitaria y Gestión Del Patrimonio Cultural em Brasil. 53º Congresso Internacional de Americanistas. México. Manuscrito.
- SILVA, Fabiola A. Arqueología de Contrato e povos indígenas: reflexões sobre o contexto brasileiro. *Revista de Arqueología*, 2015, no prelo.
- GRUNBERG, E. Manual de atividades práticas de educação patrimonial. Brasilia, DF: IPHAN, 2007
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.
- MILHEIRA, R. G. Arqueología e história Guarani no sul da Laguna dos Patos e Serra do sudeste. In: MILHEIRA, R. G.; WAGNER, G. P. Arqueología Guarani no litoral sul do Brasil. Curitiba: Appris Ltda, 2014. Capítulo 6, p. 125 – 154.
- NOELLI, Francisco Silva. Educação patrimonial: relatos e experiências. *Educ. Soc.*, Campinas , v. 25, n. 89, p. 1413-1414, Dec. 2004. Acessado no dia 14 Julho 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302004000400017>